

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

A Teoria Bakhtiniana e a Inteligência Artificial Generativa: revisão narrativa de estudos brasileiros sobre dialogismo, autoria e responsividade

Vinicius Borges de Almeida

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18213>

Submetido em: 2026-09-29

Postado em: 2026-10-01 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A moderação deste preprint recebeu o(s) endosso(s) de:

- ISABELLA MOZZILLO (ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8445-9174>)

A TEORIA BAKHTINIANA E A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL GENERATIVA: REVISÃO NARRATIVA DE ESTUDOS BRASILEIROS SOBRE DIALOGISMO, AUTORIA E RESPONSABILIDADE

BAKHTIN AND GENERATIVE AI: A NARRATIVE REVIEW OF BRAZILIAN STUDIES ON DIALOGISM, AUTHORSHIP AND RESPONSIVENESS

Revisão de Literatura

Vinicius Borges de Almeida¹

Universidade Federal de Pelotas

<https://orcid.org/0000-0002-4436-4880>

RESUMO: O surgimento da Inteligência Artificial (IA) generativa tem provocado transformações em relação aos processos de produção, circulação e interpretação de discursos, suscitando debates sobre autoria, criatividade, interação e construção de sentidos. No campo dos estudos da linguagem, observa-se o crescimento de pesquisas que recorrem à Teoria Dialógica do Discurso, desenvolvida por Mikhail Bakhtin e pelo Círculo, para compreender as implicações discursivas dessas tecnologias. Este artigo apresenta uma revisão narrativa de três estudos brasileiros recentes que articulam a perspectiva bakhtiniana à análise da IA generativa: Gonçalves e Coitinho (2023), Conte, Devecchi e Maciel (2025) e Duque-Pereira e Moura (2025). O trabalho organiza a comparação por eixos temáticos, contemplando a mobilização da teoria bakhtiniana, as concepções de Inteligência Artificial, as interpretações sobre dialogismo, autoria e responsividade, bem como as contribuições e limitações de cada estudo. A análise evidencia que os três artigos convergem ao reconhecer a atualidade da teoria de Bakhtin para interpretar fenômenos discursivos mediados por IA, embora apresentem diferentes estratégias de atualização conceitual, ao ser possível perceber que a IA permite ampliar os campos de aplicação e da capacidade explicativa das categorias formuladas por Bakhtin diante das novas condições históricas de produção dos enunciados.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria Dialógica do Discurso; Bakhtin; Inteligência Artificial; Dialogismo; Autoria.

ABSTRACT: Generative Artificial Intelligence (AI) has reshaped how discourses are produced, circulated, and interpreted, reopening questions about authorship, interaction, and meaning-making. This article offers a critical narrative review of three Brazilian studies that approach generative AI through the Dialogical Theory of Discourse of Bakhtin and the Circle: Gonçalves and Coitinho (2023), Conte, Devecchi and Maciel (2025), and Duque-Pereira and Moura (2025). Adopting a qualitative, interpretive approach, the corpus, selected through searches on Consensus and SciSpace, was analyzed along four thematic axes: the currency of Bakhtinian concepts in the face of AI; dialogism, responsiveness, and the limits of human–AI

¹ Licenciado em Letras – Português e Francês e Respectivas Literaturas pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Mestre em Letras na Linha de Pesquisa Aquisição, Variação e Ensino no Programa de Pós-graduação em Letras da UFPEL. Atualmente, é aluno de doutorado pela mesma instituição na Linha de Pesquisa Aquisição, Variação e Ensino. Pelotas, Rio Grande do Sul, vinibalmeida@hotmail.com.

interaction; authorship and alterity; and the studies' convergences, divergences, and contributions. The findings indicate that all three studies affirm the relevance of Bakhtinian categories for AI-mediated discourse, but through different strategies: applying established categories, rethinking authorship, or proposing new concepts such as "simulated dialogism" and "algorithmic monologism." The review argues that AI does not eliminate authorship or the dialogical, responsive nature of language, but reconfigures the conditions under which utterances are produced. It also identifies two gaps in the field: limited attention to the explanatory limits of the theory and a scarcity of empirical research on concrete uses of AI.

KEYWORDS: Dialogical Theory of Discourse; Bakhtin; Artificial Intelligence; Dialogism; Authorship.

RESUMO PARA NÃO ESPECIALISTAS: Quando fazemos uma pergunta ao ChatGPT ou ao Claude e recebemos uma resposta bem escrita, parece que estamos conversando. Mas será que é realmente um diálogo? E, se um texto é produzido com a ajuda da inteligência artificial (IA), quem responde pelo que ele diz? Este artigo explora essas questões a partir das ideias de Mikhail Bakhtin, pensador do século XX que via a linguagem como uma troca viva entre pessoas reais, sempre marcada pela história e pelos valores de quem fala. Três estudos recentes de pesquisadores brasileiros que aplicam essas ideias a ferramentas como o ChatGPT foram analisados. O primeiro deles testa se os conceitos de Bakhtin ainda funcionam para textos gerados por IA; o segundo, se concentra na autoria; e o terceiro propõe novos termos para descrever como a IA imita o diálogo sem de fato participar dele. Em conjunto, os estudos sugerem que essa ferramenta não substitui autores e leitores humanos, mas acrescenta um novo intermediário na produção e na compreensão dos textos. O artigo também aponta uma lacuna: sabemos ainda muito pouco sobre como as pessoas realmente usam a IA em diferentes contextos e propósitos e, por isso, são necessárias mais pesquisas sobre o assunto.

Introdução

A rápida expansão da Inteligência Artificial (IA) generativa, especialmente a partir da popularização de sistemas capazes de produzir textos, imagens e outros conteúdos mediante modelos de linguagem de larga escala, tem provocado transformações nas práticas comunicativas contemporâneas. A interação cotidiana com ferramentas como o ChatGPT² deslocou discussões anteriormente restritas ao campo da Computação para o âmbito das Ciências Humanas, da Educação e dos Estudos da Linguagem, tornando mais vasta a reflexão sobre autoria, criatividade, produção de sentidos, responsabilidade enunciativa e formas de interação mediadas por algoritmos.

No âmbito dos estudos discursivos, observa-se um crescente interesse em compreender de que maneira categorias clássicas da filosofia da linguagem permanecem capazes de explicar

² Apesar de haver mais ferramentas disponibilizadas por outras empresas de tecnologia, parece que, no senso comum, frequentemente Inteligência Artificial e ChatGPT são usados quase como termos sinônimos.

fenômenos comunicativos produzidos em ambientes digitais automatizados. Entre essas perspectivas, destaca-se a Teoria Dialógica do Discurso, formulada por Mikhail Bakhtin e pelo Círculo, cuja compreensão da linguagem como atividade social, histórica e responsiva oferece um aparato teórico capaz de analisar as implicações discursivas da IA generativa.

Contudo, a incorporação da teoria de Bakhtin aos estudos sobre Inteligência Artificial ainda constitui um campo de investigação emergente. A produção científica em língua portuguesa permanece relativamente reduzida e concentra-se, sobretudo, em trabalhos publicados nos últimos anos, acompanhando a disseminação dessas tecnologias ao grande público. Apesar desse caráter incipiente, os estudos já publicados revelam diferentes maneiras de mobilizar categorias como dialogismo, autoria, alteridade, responsividade e enunciado para interpretar o funcionamento discursivo da IA.

Em geral, as pesquisas concentram-se na análise de objetos específicos ou na proposição de interpretações particulares, permanecendo ainda escassos estudos que busquem discutir, de forma integrada, como a Teoria Dialógica do Discurso vem sendo mobilizada para interpretar a Inteligência Artificial enquanto fenômeno discursivo.

O objetivo deste artigo consiste em contribuir para preencher essa lacuna. Em vez de questionar se a Inteligência Artificial "dialoga", "escreve" ou "é autora", busca-se compreender como diferentes pesquisadores brasileiros têm recorrido ao pensamento bakhtiniano para responder às categorias mencionadas anteriormente.

Para isso, foram selecionados três estudos brasileiros publicados entre 2023 e 2025 que estabelecem interlocução explícita com a obra de Bakhtin: Gonçalves e Coitinho (2023), Conte, Devechi e Maciel (2025) e Duque-Pereira e Moura (2025). Ainda que compartilhem de um mesmo quadro epistemológico, esses trabalhos diferem quanto aos seus objetivos, procedimentos analíticos e conclusões. Enquanto Gonçalves e Coitinho (2023) investigam a aplicabilidade das categorias clássicas da Teoria Dialógica do Discurso à análise de textos produzidos pelo ChatGPT, Conte, Devechi e Maciel (2025) discutem as implicações da Inteligência Artificial sobre a autoria e a produção do conhecimento. Já Duque-Pereira e Moura (2025) propõem novas categorias interpretativas, como "monologismo algorítmico" e "dialogismo simulado", a fim de entender os limites do diálogo mediado por *chatbots*.

Dessa maneira, pretende-se demonstrar que a diversidade dessas leituras constitui um indicativo da vitalidade epistemológica do pensamento de Bakhtin, cuja capacidade explicativa permanece atual ao possibilitar novas interpretações diante de fenômenos discursivos inovadores.

1. Metodologia

Este artigo caracteriza-se como uma revisão narrativa crítica da literatura, de abordagem qualitativa e natureza interpretativista (Brait, 2006; Flick, 2013). Essa escolha metodológica privilegia a compreensão aprofundada de um corpus delimitado, buscando interpretar relações conceituais, identificar aproximações, interfaces e divergências teóricas, além de construir sínteses analíticas capazes de contribuir para os estudos de discurso.

A opção por essa modalidade de revisão decorre do fato de que não se pretende mensurar a frequência de determinados resultados nem estabelecer evidências quantitativas ou generalizações acerca da Inteligência Artificial. Trata-se de uma discussão conceitual e epistemológica, cuja investigação se baseia em uma leitura comparativa, interpretativa e crítica dos estudos selecionados.

A constituição do corpus ocorreu mediante buscas realizadas em julho de 2026 nas plataformas Consensus e SciSpace, utilizando combinações entre os descritores *Bakhtin*, *Teoria Dialógica do Discurso*, *Inteligência Artificial*, *ChatGPT* e *dialogismo*. Como critérios de inclusão, consideraram-se artigos científicos publicados em língua portuguesa que estabelecessem interlocução entre a teoria bakhtiniana e a Inteligência Artificial generativa. Foram excluídos trabalhos que abordavam a IA sob perspectivas computacionais, educacionais ou vinculadas à Análise do Discurso francesa, sem menção ou aprofundamento das categorias desenvolvidas por Bakhtin e pelo Círculo.

A partir desses critérios, constituiu-se um corpus composto por três artigos: Gonçalves e Coitinho (2023), Conte, Devecchi e Maciel (2025) e Duque-Pereira e Moura (2025). A escolha desse conjunto justifica-se por reunir diferentes formas de apropriação da Teoria Dialógica do Discurso para a análise de fenômenos discursivos contemporâneos, possibilitando comparações dos aspectos teóricos empregados pelos autores.

A análise será conduzida a partir de quatro eixos interpretativos, elaborados durante a leitura do corpus e inspirados nas categorias centrais da Teoria Dialógica do Discurso:

1. A atualidade dos conceitos bakhtinianos diante da Inteligência Artificial;
2. Dialogismo, responsividade e limites da interação entre humanos e IA;
3. Autoria, alteridade e produção discursiva na era da Inteligência Artificial;
4. Convergências, divergências e contribuições dos estudos analisados.

A discussão será organizada por eixos temáticos, pois permite estabelecer relações entre os estudos, evidenciando convergências, divergências, tensões interpretativas e possibilidades de diálogo que são próprias da escolha metodológica.

A leitura dos três artigos foi realizada à luz de obras consideradas fundamentais de Mikhail Bakhtin e do Círculo³ para avaliar criticamente as diferentes formas pelas quais os autores contemporâneos reinterpretem categorias como dialogismo, autoria, responsividade, alteridade e polifonia diante dos desafios impostos pela Inteligência Artificial generativa.

2. A atualidade dos conceitos bakhtinianos diante da Inteligência Artificial

Os três estudos selecionados partem da premissa comum que a Inteligência Artificial generativa, além de ser uma inovação tecnológica, é um fenômeno discursivo que amplia categorias clássicas dos estudos da linguagem. Mesmo ao adotar perspectivas distintas, Gonçalves e Coitinho (2023), Conte, Devechi e Maciel (2025) e Duque-Pereira e Moura (2025) convergem ao reconhecer que a Teoria Dialógica do Discurso permanece uma ferramenta de análise consistente para interpretar as transformações geradas pela IA nos processos de produção, circulação e interpretação dos enunciados.

Nos três artigos, Bakhtin aparece como um autor mobilizado tanto para contextualizar o tema quanto como fundamento epistemológico das análises. Conceitos como dialogismo, autoria, enunciado, alteridade e responsividade constituem a espinha dorsal das interpretações, ainda que com diferentes finalidades.

Por exemplo, Gonçalves e Coitinho (2023) assumem uma postura mais próxima da tradição bakhtiniana clássica. O objetivo dos autores consiste em verificar se categorias formuladas por Bakhtin sobre a comunicação humana permanecem operatórias diante de textos produzidos pelo ChatGPT. Em vez de propor novos conceitos, os autores submetem o *chatbot* às categorias já consolidadas da Teoria Dialógica do Discurso, concluindo que a sofisticação linguística da IA não elimina a necessidade de compreender o enunciado como um acontecimento social, historicamente situado e orientado para o outro.

Conte, Devechi e Maciel (2025), por sua vez, focam a discussão para a autoria. Os autores argumentam que a Inteligência Artificial amplia concepções tradicionais de autoria ao automatizar parte da produção textual, mas sustentam que esse processo não elimina a

³ São elas: *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*, *Problemas da Poética de Dostoiévski*, *Os Gêneros do Discurso*, *Estética da Criação Verbal* e *Para uma Filosofia do Ato Responsável*.

participação humana na construção dos sentidos. Sob uma perspectiva bakhtiniana, a autoria continua vinculada a uma posição axiológica diante do discurso, condição que não pode ser reduzida à capacidade técnica de produzir textos. Como afirma Bakhtin (2011), o autor não é apenas quem organiza linguisticamente um enunciado, mas quem assume uma posição valorativa perante o objeto do discurso.

Já Duque-Pereira e Moura (2025) apresentam a abordagem mais inovadora do corpus, pois defendem que a emergência da IA generativa permite a aplicação das categorias bakhtinianas e ainda sua ampliação analítica. A proposição dos conceitos de *dialogismo simulado* e *monologismo algorítmico* procura explicar uma característica específica dos *chatbots*, ou seja, a capacidade de produzir respostas que reproduzem a aparência do diálogo sem constituir, necessariamente, uma relação dialógica nos termos concebidos por Bakhtin. Embora essa proposta represente um avanço interpretativo, ela permanece ancorada em categorias fundamentais da filosofia da linguagem bakhtiniana, sobretudo na compreensão do dialogismo como relação entre consciências social e historicamente situadas (Bakhtin e Volochínov, 2016).

Conforme apresentado em *Os gêneros do discurso* (Bakhtin, 2016), ao estabelecer a linguagem como prática social, histórica e essencialmente inacabada, Bakhtin rejeita qualquer concepção estática dos fenômenos discursivos. Sob essa perspectiva, a Inteligência Artificial pode ser compreendida não como uma ruptura epistemológica do Círculo, mas como uma nova condição de produção discursiva que exige reinterpretar categorias já existentes.

Entretanto, a leitura comparativa dos três artigos também evidencia um ponto que permanece pouco explorado. Todos reconhecem a atualidade da Teoria Dialógica do Discurso, porém nenhum deles explora de maneira aprofundada seus limites explicativos diante da IA. Os estudos parecem se concentrar em demonstrar a pertinência de Bakhtin para compreender os *chatbots*, mas dedicam menor atenção às possíveis insuficiências da teoria frente a tecnologias capazes de simular práticas discursivas complexas. Essa lacuna parece indicar um campo promissor para investigações futuras, voltadas menos à confirmação da atualidade de Bakhtin e mais à problematização das fronteiras entre categorias originalmente formuladas para explicar a comunicação humana e novos modos de produção discursiva mediados por algoritmos.

3. Dialogismo, responsividade e limites da interação entre humanos e Inteligência Artificial

Entre as categorias mobilizadas pelos três estudos que compõem o corpus, o dialogismo constitui o principal eixo de aproximação entre a Teoria Dialógica do Discurso e a Inteligência Artificial generativa. Os artigos de Gonçalves e Coitinho (2023), Conte, Devecchi e Maciel (2025) e Duque-Pereira e Moura (2025) compreendem que o funcionamento dos *chatbots* não pode ser explicado somente por sua capacidade de produzir textos linguisticamente coerentes e coesos. A questão central tratada pelos autores é: em que medida respostas geradas por sistemas algorítmicos podem ser compreendidas como enunciados inseridos em relações dialógicas?

Na perspectiva bakhtiniana, o dialogismo não se reduz à alternância de turnos de fala nem à existência de uma interação verbal aparente. Conforme Bakhtin (2018), todo enunciado se constitui em resposta a enunciados anteriores e antecipa respostas futuras, inserindo-se em uma cadeia ininterrupta de comunicação. Dessa forma, o diálogo acontece na relação entre sujeitos historicamente situados que assumem posições valorativas diante do mundo e do discurso do outro.

Essa compreensão orienta a análise de Gonçalves e Coitinho (2023). Ao examinarem respostas produzidas pelo ChatGPT, os autores reconhecem que o sistema apresenta características típicas da comunicação dialógica, como a adaptação ao contexto da interação e a incorporação de diferentes discursos sociais. Entretanto, argumentam que tais características não são suficientes para atribuir à IA uma condição dialógica equivalente à da interação humana. O *chatbot* reorganiza discursos previamente produzidos, mas não participa da experiência social que constitui a base da responsividade defendida por Bakhtin.

Essa interpretação aproxima-se da concepção de enunciado desenvolvida em *Os gêneros do discurso*. Para o autor, o enunciado não é definido exclusivamente por sua organização linguística, mas por sua inserção em uma situação concreta de comunicação, envolvendo interlocutores, valores sociais e expectativas de resposta. Assim, mesmo que a IA produza textos formalmente bem estruturados, ainda permanece em aberto a questão de saber se tais produções podem ser compreendidas como enunciados em sentido pleno ou se representam apenas configurações linguísticas que simulam propriedades enunciativas.

É precisamente esse questionamento, ainda sem uma resposta única e definitiva, que Duque-Pereira e Moura (2025) procuram discutir ao propor o conceito de dialogismo simulado. Segundo os autores, os *chatbots* produzem um efeito de diálogo ao responder de maneira contextualizada, recuperar informações da interação e adaptar seu estilo discursivo ao

interlocutor. Todavia, essa dinâmica não corresponde ao dialogismo concebido por Bakhtin, pois não resulta do encontro entre consciências independentes, mas da aplicação de modelos estatísticos treinados a partir de grandes conjuntos de dados linguísticos. O diálogo, nesse caso, permanece como efeito discursivo, e não como relação efetiva entre sujeitos.

A proposição de monologismo algorítmico amplia essa discussão epistemológica ao sugerir que a multiplicidade de vozes mobilizada pelos sistemas de IA permanece subordinada a uma lógica centralizadora. Ainda que os *chatbots* reproduzam diferentes registros discursivos e simulem perspectivas variadas, tais vozes são organizadas por um mesmo sistema algorítmico, responsável por selecionar respostas segundo critérios probabilísticos. Os autores aproximam esse funcionamento a partir da posição de Bakhtin (2018) ao monologismo, entendido como a redução da alteridade a uma única consciência organizadora do discurso. A analogia evidencia que a polifonia dos modelos generativos não implica, necessariamente, na coexistência de consciências autônomas. Portanto, os autores a consideram uma polifonia aparente.

Ainda nesses moldes, Conte, Deveschi e Maciel (2025) procuram discutir a noção de responsividade. Inspirados na filosofia da linguagem bakhtiniana, os autores argumentam que toda compreensão implica uma resposta ativa do sujeito, ainda que essa resposta não seja verbalizada imediatamente. A interação com a IA, entretanto, modifica as condições dessa responsividade ao inserir um mediador algorítmico entre o sujeito e a produção discursiva. Em vez de substituir a atividade interpretativa humana, a IA passa a integrar a cadeia dialógica como um novo elemento de mediação, influenciando a construção dos sentidos sem assumir responsabilidade enunciativa por aquilo que produz.

Essa distinção revela um aspecto da teoria de Bakhtin comum aos três artigos. Como já mencionado anteriormente, a responsividade não ocorreria apenas em responder linguisticamente a um enunciado, mas em assumir uma posição axiológica diante dele. Os estudos assumem que os sistemas de IA possam participar de processos comunicativos ou influenciar práticas discursivas, mas divergem na extensão dessa participação. Enquanto Gonçalves e Coitinho (2023) enfatizam a permanência das categorias clássicas da teoria bakhtiniana, Duque-Pereira e Moura (2025) defendem que o surgimento dos *chatbots* exige novas categorias analíticas, e Conte, Deveschi e Maciel (2025) concentram-se nas consequências dessa mediação para a autoria e para a produção do conhecimento.

Do ponto de vista crítico, contudo, observa-se que a maior parte dessas análises privilegia a comparação entre a comunicação humana e a comunicação mediada por IA, dedicando menor atenção aos processos de apropriação social das respostas produzidas pelos

chatbots. Os enunciados não se esgotam no momento de sua produção; eles continuam produzindo efeitos à medida que são reinterpretados, contestados, reformulados e inseridos em novas cadeias dialógicas. Essa interpretação preserva um dos princípios fundamentais da Teoria Dialógica do Discurso: os sentidos não residem nos textos, tampouco nos sistemas que os produzem, mas nas relações sociais e históricas estabelecidas entre sujeitos. A IA parece modificar essas relações ao introduzir novas formas de mediação discursiva, com algoritmos e probabilidades, porém as análises dos estudos sugerem que ela não altera o caráter essencialmente dialógico, responsivo e axiológico da linguagem, tal como concebido por Bakhtin e pelo Círculo.

4. Autoria, alteridade e produção discursiva na era da Inteligência Artificial

Se o dialogismo constitui o ponto de entrada para compreender a relação entre linguagem e Inteligência Artificial, a autoria representa um dos principais conflitos introduzidos pelas tecnologias generativas. A capacidade de sistemas como o ChatGPT produzirem textos linguisticamente sofisticados, adequados a diferentes gêneros discursivos e aparentemente dotados de coerência argumentativa suscita uma questão dos estudos da linguagem: em que medida a produção textual depende de um sujeito autor responsável pelo enunciado?

Nos três estudos analisados, a autoria aparece como uma categoria fundamental para investigar as limitações e as possibilidades da participação da Inteligência Artificial nos processos discursivos. Gonçalves e Coitinho (2023), Conte, Devecchi e Maciel (2025) e Duque-Pereira e Moura (2025) rejeitam uma compreensão puramente instrumental da autoria, segundo a qual seria autor aquele ou aquilo que simplesmente produz uma sequência linguística. A partir de uma perspectiva bakhtiniana, os autores defendem que a autoria envolve uma posição discursiva e axiológica diante do dizer, dimensão que ultrapassa a mera organização formal do texto.

Essa compreensão encontra fundamento na teoria de Bakhtin sobre o autor e o ato criador. Em *Estética da criação verbal*, Bakhtin (2011) distingue o autor como uma posição exterior e valorativa em relação ao objeto representado. O autor não se reduz àquele que materializa linguisticamente um discurso, mas constitui uma instância que organiza sentidos a partir de uma determinada relação com o mundo e com os outros sujeitos. Assim, a autoria implica uma tomada de posição, uma avaliação e uma responsabilidade diante do enunciado produzido.

É nesse ponto que Conte, Deveschi e Maciel (2025) apresentam uma das contribuições mais relevantes do corpus. Os autores argumentam que a Inteligência Artificial transforma modelos tradicionais de autoria no momento em que introduz uma instância não humana no processo de produção textual. Entretanto, essa transformação não significa necessariamente o desaparecimento do autor humano. A partir da perspectiva dialógica, a autoria permanece vinculada ao sujeito que orienta o processo de produção discursiva, seleciona informações, formula comandos (também conhecidos como *prompts*), avalia respostas e atribui sentidos ao material produzido pela IA.

Essa interpretação aproxima-se da noção bakhtiniana de responsividade. Como discutido na seção anterior, todo enunciado pressupõe uma resposta e uma posição diante do discurso do outro. No caso da interação com sistemas generativos, a autoria desloca-se de uma concepção baseada somente na produção material do texto para uma compreensão processual, na qual diferentes sujeitos e tecnologias participam da cadeia de produção discursiva. A IA, nesse sentido, pode ser compreendida como uma mediadora da atividade enunciativa, mas não necessariamente como uma autora em sentido bakhtiniano.

Gonçalves e Coitinho (2023) argumentam em uma direção semelhante ao analisar textos produzidos pelo ChatGPT. Apesar de reconhecerem a capacidade do sistema de produzir discursos adequados aos contextos solicitados, os autores problematizam a possibilidade de atribuir à IA uma autoria equivalente à humana. Os autores afirmam isso ao concluírem que a produção textual do *chatbot* resulta da combinação e reorganização de discursos previamente existentes, mas não envolve uma experiência social própria nem uma posição axiológica autônoma diante do mundo. Dessa forma, o sistema produz textos, mas permanece em questão se produz enunciados no sentido pleno atribuído por Bakhtin.

Essa discussão aproxima-se da distinção estabelecida por Bakhtin entre a dimensão linguística do discurso e sua dimensão social. Um texto pode apresentar organização formal, coerência e adequação estilística sem necessariamente constituir uma manifestação autoral plena. Para o Círculo de Bakhtin, a linguagem está sempre relacionada a sujeitos concretos inseridos em situações históricas específicas. Conforme argumentam Bakhtin e Volochínov (2016), a palavra nunca é neutra ou independente das relações sociais que a atravessam, uma vez que ela carrega valores, posições ideológicas e marcas das interações em que circula.

Duque-Pereira e Moura (2025) aprofundam essa discussão ao relacionar autoria e alteridade. Para os autores, o problema dos *chatbots* não reside apenas no fato de produzirem textos sem consciência, mas no fato de simularem uma relação com o outro sem constituírem uma verdadeira experiência de alteridade. O *chatbot* adapta sua linguagem ao interlocutor e

produz respostas aparentemente personalizadas, mas essa relação permanece condicionada por processos algorítmicos e probabilísticos que não envolvem reconhecimento do outro enquanto sujeito.

Essa questão pode ser aproximada da concepção bakhtiniana de alteridade. Em *Para uma filosofia do ato responsável*, Bakhtin (2017) afirma que a existência humana é constituída pela relação irrepetível entre o “eu” e “outro”. O sujeito não se define isoladamente, mas pela responsabilidade que assume diante de outros sujeitos concretos. A alteridade, não sendo uma simples troca de informações, concretiza-se em uma relação fundada no reconhecimento da singularidade do outro.

A partir dessa perspectiva, os três artigos permitem elucidar que a Inteligência Artificial introduz uma nova configuração na produção discursiva, ou seja, a de que textos podem ser produzidos sem que exista necessariamente um sujeito autor no sentido tradicional. Entretanto, essa ausência não elimina a autoria; ela desloca sua localização. O foco deixa de estar exclusivamente no produto textual e passa a considerar toda a rede de relações discursivas envolvidas na produção, interpretação e circulação dos enunciados.

Essa mudança também se faz presente nas reflexões contemporâneas sobre autoria em ambientes digitais. Foucault (2009), ao discutir a função autor, já havia demonstrado que a autoria não se dá apenas na identificação de um indivíduo responsável por um texto, mas constitui uma função histórica e discursiva que organiza modos de circulação e legitimação dos discursos. Embora a perspectiva desse autor não coincida com a concepção de Bakhtin de autoria, seu diálogo permite compreender que as tecnologias digitais podem provocar deslocamentos nos modos de atribuir responsabilidade e autoridade aos discursos.

Entretanto, a partir do referencial bakhtiniano, permanece uma diferença fundamental: a autoria não pode ser reduzida a uma função classificatória ou institucional. Ela envolve uma posição responsiva e valorativa diante do mundo. Nesse sentido, a principal contribuição dos trabalhos deste corpus consiste em demonstrar que a Inteligência Artificial não elimina a autoria, mas exige sua reformulação. O desafio contemporâneo é identificar se uma máquina pode ser considerada autora, mesmo com seus algoritmos e processamentos computacionais, ao questionar como sujeitos humanos passam a construir sentidos, assumir responsabilidades e estabelecer relações de alteridade em processos discursivos mediados por esses sistemas.

5. Convergências, divergências e contribuições dos estudos analisados

A análise comparativa dos três estudos evidencia que a relação entre Teoria Dialógica do Discurso e Inteligência Artificial é marcada simultaneamente por aproximações teóricas e por diferentes interpretações acerca dos limites da participação algorítmica nos processos discursivos. Apesar de Gonçalves e Coitinho (2023), Conte, Devecchi e Maciel (2025) e Duque-Pereira e Moura (2025) adotarem objetivos específicos distintos, os estudos afirmam que o uso da Inteligência Artificial generativa não pode ser analisado como uma ferramenta tecnológica de maneira isolada, pois consideram-no um fenômeno que interfere nas formas contemporâneas de produção, circulação e interpretação dos discursos.

A primeira convergência identificada refere-se à compreensão da linguagem como prática social e historicamente situada. Nos três artigos, a aproximação com Bakhtin impede uma interpretação tecnicista da IA, segundo a qual a capacidade de gerar textos seria suficiente para caracterizar uma nova forma de linguagem. Ao contrário, os estudos partem do princípio de que a produção discursiva envolve relações entre sujeitos, valores sociais e condições históricas específicas. Essa perspectiva está em consonância com a concepção bakhtiniana de que o enunciado não constitui uma unidade isolada, mas um acontecimento discursivo inserido em uma cadeia de comunicação verbal (Bakhtin, 2016) e desloca o debate sobre Inteligência Artificial de uma questão puramente funcional. A questão central deixa de ser se a máquina consegue ou não produzir textos semelhantes aos humanos, mas sim quais condições tornam uma produção linguística um enunciado dotado de sentido social.

Uma segunda convergência diz respeito à centralidade do conceito de dialogismo. Os artigos do corpus reconhecem que o pensamento bakhtiniano constitui uma chave epistemológica para compreender a interação mediada por sistemas generativos. Gonçalves e Coitinho (2023) enfatizam que a produção textual da IA apresenta características que aproximam seu funcionamento de práticas dialógicas, especialmente pela capacidade de responder a solicitações e adaptar discursos aos contextos apresentados pelos usuários. Entretanto, os autores destacam que essa aproximação não implica equivalência entre a interação humana e a interação com sistemas artificiais.

Essa perspectiva é aprofundada por Duque-Pereira e Moura (2025), cuja contribuição principal consiste em diferenciar entre a aparência do diálogo e a constituição efetiva de uma relação dialógica. A formulação dos conceitos de *dialogismo simulado* e *monologismo algorítmico* procura justamente apontar que os *chatbots* reproduzem marcas discursivas do diálogo, mas não participam da relação de alteridade que, para Bakhtin, constitui a própria essência da linguagem humana. Dessa forma, os autores concluem que é preciso distinguir uma

interação linguisticamente eficiente (alcançada, a princípio, entre o humano e a IA) e uma relação verdadeiramente dialógica.

A terceira convergência está relacionada à questão da autoria. Os três artigos rejeitam uma concepção simplificada segundo a qual a autoria poderia ser definida apenas pela produção material de um texto. A partir da perspectiva bakhtiniana, a autoria envolve posicionamento, responsabilidade e inserção histórica do sujeito no discurso. Nesse sentido, Conte, Deveschi e Maciel (2025) debatem como a autoria se reorganiza quando a produção textual passa a envolver agentes humanos e sistemas algorítmicos. Essa mudança de perspectiva aproxima-se da compreensão de Bakhtin sobre o caráter responsivo do ato humano. Em *Para uma filosofia do ato responsável*, Bakhtin (2017) afirma que o sujeito se constitui pela responsabilidade assumida diante de sua participação singular no mundo. Assim, a autoria corresponde tanto à origem material de um enunciado, quanto à posição ética e valorativa daquele que responde por ele. A contribuição dos estudos analisados está em demonstrar que a IA modifica as condições materiais da produção textual, mas não elimina a necessidade de sujeitos responsáveis pela interpretação, seleção e circulação dos discursos produzidos.

Apesar dessas convergências, também são observadas divergências entre os artigos selecionados para esta revisão narrativa. A principal diferença refere-se ao uso das categorias bakhtinianas atribuído à Inteligência Artificial. Gonçalves e Coitinho (2023) assumem uma postura mais próxima de aplicação da teoria existente, buscando demonstrar como conceitos tradicionais podem ser capazes de analisar textos produzidos pelo ChatGPT. Já Duque-Pereira e Moura (2025) defendem que o surgimento dos *chatbots* demanda a elaboração de novas categorias analíticas capazes de explicar fenômenos que não estavam presentes no contexto histórico em que Bakhtin desenvolveu sua teoria. Conte, Deveschi e Maciel (2025), por sua vez, ocupam uma posição intermediária ao reconhecerem a necessidade de atualização conceitual sem abandonar os fundamentos da perspectiva dialógica.

Essa divergência demonstra desafios epistemológicos para os estudos bakhtinianos contemporâneos. Por exemplo, até que ponto as categorias formuladas para compreender relações discursivas humanas podem ser aplicadas a fenômenos mediados por sistemas algorítmicos? Essa questão não representa uma limitação da teoria, mas suscita novos problemas de pesquisa. Como observa Faraco (2009), a força do pensamento bakhtiniano não reside em oferecer respostas únicas e fechadas, mas em compreender a linguagem como fenômeno aberto, histórico e permanentemente em transformação.

Embora os estudos avancem significativamente na discussão conceitual, ainda são reduzidas as investigações empíricas sobre práticas concretas de uso da IA em diferentes

contextos sociais, sobretudo nos estudos da linguagem no Brasil⁴. Essa lacuna é relevante porque, para Bakhtin, os sentidos não pertencem exclusivamente ao produtor do discurso, mas emergem nas relações entre sujeitos, contextos e respostas sociais. Assim, talvez a questão mais produtiva para os estudos futuros não seja determinar se a Inteligência Artificial possui ou não uma voz própria, mas compreender como essas formas inovadoras de interação mediadas por algoritmos transformam as vozes humanas que participam desses processos.

Dessa maneira, os três artigos analisados contribuem para consolidar um campo emergente de investigação na interface entre Teoria Dialógica do Discurso e Inteligência Artificial. Suas diferenças revelam perspectivas complementares: enquanto um grupo de estudos enfatiza a permanência das categorias bakhtinianas, outro aponta a necessidade de sua reformulação diante das novas condições tecnológicas. Em ambos os casos, permanece uma conclusão comum: a atualidade de Bakhtin não está em oferecer respostas prontas para fenômenos contemporâneos, mas em fornecer um modo de compreender a linguagem como relação, movimento e acontecimento histórico.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

Link para *Preprint*

Os manuscritos submetidos a Revista da Abralin devem ser previamente depositados em um [servidor de preprint](#) que suporte comentários públicos. O DOI do *preprint* deve ser fornecido nesta seção.

Conflito de Interesse

O autor não tem conflitos de interesse a declarar.

Protocolo e Pré-Registro de Pesquisa

O autor confirma a avaliação dos roteiros da Equator Network, porém nenhum roteiro foi utilizado para o trabalho submetido.

Além disso, a pesquisa não tem pré-registro em um repositório institucional independente.

⁴ Como mostrado na seção Metodologia, foram encontrados apenas 4 artigos que faziam a interface entre Teorias do Discurso e Inteligência Artificial, sendo um deles desconsiderado para esta revisão narrativa ao utilizar a Análise do Discurso francesa, e não a Teoria Dialógica.

Declaração de Disponibilidade de Dados

O compartilhamento de dados não é aplicável a este artigo, pois nenhum dado novo foi criado ou analisado neste estudo.

Declaração de uso de IA

Na elaboração deste artigo, o autor fez uso do Consensus e do Scispace como ferramenta de busca dos artigos e do referencial teórico; do NotebookLM para fazer o fichamento dos estudos e cruzar suas informações; do Paperpal para revisão linguística final; e do Claude (versão Sonnet 5) para padronização das referências na formatação ABNT. Essas ferramentas foram utilizadas exclusivamente como apoio linguístico e científico e não substituíram a contribuição intelectual, o julgamento ou a responsabilidade do autor. Todos os argumentos, as interpretações e a redação final foram revisados e aprovados pelo autor, que permanece o único responsável pelo conteúdo do artigo, incluindo eventuais equívocos, inconsistências, repetições ou omissões.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 3. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.

BAKHTIN, M; (VOLOCHÍNOV). **Marxismo e Filosofia da Linguagem: *problemas fundamentais do método sociológico da linguagem***. 16^a ed. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2016.

BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

CONTE, E.; DEVECHI, C. P. V.; MACIEL, P. G. Inteligência artificial e construção da autoria: disputas discursivas na era algorítmica. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 33, e20333, 2025. DOI: <https://doi.org/10.17058/rea.33.20333>.

DUQUE-PEREIRA, I. da S.; MOURA, S. A. de. Monologismo algorítmico e dialogismo simulado: uma análise bakhtiniana do discurso mediado por chatbots de IA. **SciELO Preprints**, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.11590>.

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FLICK, U. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Penso, 2013.

GONÇALVES, E. C.; COITINHO, J. B. O ChatGPT sonha com ovelhas elétricas? Uma análise bakhtiniana da IA a partir de perguntas sobre educação e tendências pedagógicas. **Texto Digital**, Florianópolis, v. 19, n. 2, e96973, 2023. DOI: <https://doi.org/10.5007/1807-9288.2023.e96973>.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.